

Violência doméstica como tema transversal na formação profissional da área de saúde
Domestic violence as a cross-cutting theme in health professional training
Violencia doméstica como tema transversal en la formación profesional del área de salud

Recebido: 24/04/2020 | Revisado: 26/04/2020 | Aceito: 29/04/2020 | Publicado: 05/05/2020

Juliana Costa Machado

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2258-0718>

Universidade Estadual do Sudeste da Bahia, Brasil.

E-mail: juliana.costa@uesb.edu.br

Luana Ramos da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5634-1830>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil.

E-mail: ramossl@outlook.com

Aline Vieira Simões

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5465-4980>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil.

E-mail: avsimoes@uesb.edu.br

Vilara Maria Mesquita Mendes Pires

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4964-3050>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil.

E-mail: gondim.vilara@gmail.com

Vanda Palmarella Rodrigues

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5689-5910>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil

E-mail: vprodrigues@uesb.edu.br

Alba Benemerita Alves Vilela

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2110-1751>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil.

E-mail: albavilela@gmail.com

Resumo

Objetivo: averiguar a violência doméstica como tema transversal na formação profissional dos cursos de graduação da área de saúde. **Método:** estudo de abordagem qualitativa do tipo descritivo-exploratória, realizado com 32 estudantes do curso de graduação em enfermagem, odontologia, fisioterapia e medicina. Utilizou-se da entrevista semiestruturada para coleta de dados e para análise dos dados a técnica de análise conteúdo. **Resultados:** a violência doméstica está sendo abordada nos cursos de graduação da área de saúde restrita à algumas disciplinas, não atendendo a complexidade da problemática e enfrentamento dos futuros profissionais às pessoas em situação de violência doméstica. **Conclusão:** a violência doméstica precisa ser discutida durante a formação profissional de forma transversal, sendo necessário incluir a temática nos currículos para articulação teórico-prática, compreendendo a construção da aprendizagem e desenvolvimento de competências e habilidades que possam subsidiar a prática profissional.

Palavras-chave: Violência doméstica; Formação profissional; Estudantes; Prática profissional; Atenção à saúde.

Abstract

Objective: to investigate domestic violence as a cross - cutting theme in the professional training of undergraduate health courses. **Method:** qualitative study of the descriptive-exploratory type, carried out with 32 undergraduate students in nursing, dentistry, physiotherapy and medicine. We used the semi-structured interview for data collection and for data analysis the content analysis technique. **Results:** Domestic violence is being addressed in undergraduate courses in the health area restricted to some disciplines, not taking into account the complexity of the problem and facing future professionals to people in situations of domestic violence. **Conclusion:** domestic violence needs to be discussed during the professional training in a transversal way, and it is necessary to include the theme in the curricula for theoretical-practical articulation, including the construction of learning and development of skills and abilities that can subsidize professional practice.

Keywords: Domestic violence; Professional qualification; Students; Professional practice; Attention to health.

Resumen

Objetivo: averiguar la violencia doméstica como tema transversal en la formación profesional de los cursos de graduación del área de salud. **Método:** estudio de abordaje cualitativo del

tipo descritivo-exploratorio, realizado con 32 estudiantes del curso de graduación en enfermería, odontología, fisioterapia y medicina. Se utilizó de la entrevista semiestructurada para recolección de datos y para análisis de los datos la técnica de análisis contenido.

Resultados: la violencia doméstica está siendo abordada en los cursos de graduación del área de salud restringida a algunas disciplinas, no atendiendo la complejidad de la problemática y enfrentamiento de los futuros profesionales a las personas en situación de violencia doméstica. **Conclusión:** la violencia doméstica necesita ser discutida durante la formación profesional de forma transversal, siendo necesario incluir la temática en los currículos para articulación teórico-práctica, comprendiendo la construcción del aprendizaje y desarrollo de competencias y habilidades que puedan subsidiar la práctica profesional.

Palabras clave: Violencia doméstica; Formación profesional; estudiantes; Práctica profesional; Atención a la salud.

1. Introdução

A violência doméstica se incorpora como objeto de saúde pública revelando-se, nacional e internacionalmente uma problemática que implica perdas para o bem estar, a segurança da comunidade e os direitos humanos, não respeitando fronteira de classe social, raça/etnia, religião, gênero, idade e grau de escolaridade. Ela é aquela praticada entre pessoas com laços consanguíneos ou não, perpetrada dentro do ambiente doméstico, se dirigindo, na maioria das vezes, a pessoas em situação de maior vulnerabilidade, como crianças, idosos, mulheres e pessoas com deficiência (Brasil, 2002; World Health Organization [Who], 2014).

Nos casos concretizados da agressão, as pessoas em situação de violência muitas vezes procuram os serviços de saúde em busca de um paliativo tanto para a dor física, como psicológica que enfrenta naquele momento, os quais constituem o primeiro local de auxílio a essas pessoas, sendo importantes para a detecção do problema (Soares & Lopes, 2018).

Os profissionais de saúde são considerados atores importantes na identificação de indivíduos e grupos populacionais de risco para a violência e para a execução de iniciativas que promovam a prevenção e as intervenções mais adequadas (Who, 2013). No entanto, o que se percebe é a invisibilidade do problema, uma vez que o atendimento dispensando, em sua maioria, volta-se ao cuidado dos danos físicos devido a forte influência da formação pautada no modelo assistencial das práticas biomédicas (Amarijo, et al., 2018).

A falta do olhar sensível a detecção dos casos de violência, por parte do profissional de saúde, reflete a deficiência na capacitação dos órgãos formadores aos estudantes durante a

graduação. Desta forma, estes precisam ser capacitados a saber identificar pessoas em situação de violência e saibam desenvolver estratégias de tratamento e encaminhamentos objetivando minimizar as consequências deste agravo (Santos, et al., 2018).

Neste contexto, existe a necessidade de se trabalhar o agravo durante a formação profissional através da transversalidade das discussões, ou seja, abordar sobre a violência na graduação de forma contínua e integrada nos currículos, interagindo com conhecimentos de diferentes áreas do saber e fazer com que a relação com a prática assistencial permita o aprendizado a partir da realidade vivida pelos acadêmicos e às questões de vida das pessoas (Rocha, et al., 2015).

Deste modo, justifica-se o estudo pelo enfoque de um tema de saúde pública que apresenta desdobramentos que influenciam diretamente na qualidade de vida das pessoas em situação de violência, bem como das que as rodeiam e por ser tratar de uma prioridade de pesquisa, haja vista os poucos estudos que contemplam a temática da violência doméstica e formação profissional. Assim, faz-se necessário identificar e suprir essa lacuna do conhecimento, para que os estudantes da área da saúde concluam a graduação com habilidades competentes ao enfrentamento dos casos de violência.

Este estudo objetivou averiguar a violência doméstica como tema transversal na formação profissional dos cursos de graduação da área de saúde. Oportunizando reflexões sobre mudanças nos aspectos curriculares e pedagógicos que direcionam a formação dos futuros profissionais de saúde.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa do tipo descritivo-exploratório, como apresentado por Pereira et al. (2018) e foi realizada em uma universidade estadual situada no município de Jequié, localizado no Sudoeste da Bahia.

Os participantes da pesquisa foram constituídos por 32 estudantes de graduação sendo do curso em enfermagem (07), odontologia (10), fisioterapia (11) e medicina (04). Como critério de elegibilidade: estar cursando o penúltimo ou último semestre do curso, ou seja, que já tinham tido oportunidade de desenvolver a maior parte das atividades teórico-práticas da formação. Foram excluídos os estudantes que estavam desenvolvendo atividades práticas/estágio fora da instituição de ensino e que faltaram às aulas nos períodos da coleta.

A coleta dos dados foi realizada entre os meses de agosto de 2016 a maio de 2017 por meio da entrevista semiestruturada, com o auxílio do gravador, tendo uma duração média de

20 minutos, contendo questões disparadoras relacionadas sobre a temática violência doméstica na formação profissional dos cursos da área de saúde. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra.

Para análise dos dados utilizou-se a técnica de análise de conteúdo modalidade temática compreendendo a pré-análise, sendo organizado todo material advindo da transcrição das entrevistas, seguidas com leituras flutuantes para criar uma aproximação e familiaridade com os documentos que seriam analisados. Posteriormente, houve a exploração do material destacando as mensagens mais relevantes, permitindo a representação do conteúdo e por fim, o tratamento dos dados que ocorreu com a inferência e interpretação dos dados (Bardin, 2011).

Este estudo atende à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, onde foram respeitados todos os aspectos éticos propostos, foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Sudoeste da Bahia (CEP/UESB) sendo aprovado sob o parecer 1.333.812 de 23 de novembro de 2015.

Os participantes da pesquisa foram identificados no texto pela letra E (estudante), seguido por um número de acordo a ordem crescente das entrevistas realizadas e o respectivo curso de graduação, ou seja, estudante 1 do curso de graduação em enfermagem leia-se (E 1, Enfermagem) e, assim sucessivamente.

3. Resultados

Entre os 32 participantes do estudo, 19 eram do sexo feminino, com idade variando entre 21 a 38 anos, em relação à situação conjugal três eram casados e à religião 16 eram católicos. A partir da análise dos resultados foram obtidas duas categorias: “Abordagens da violência doméstica durante a formação profissional” e “Ausência de discussões sobre violência doméstica durante a formação profissional”.

Categoria 1 - Abordagens da violência doméstica durante a formação profissional

Nessa categoria foi possível identificar que durante a graduação os estudantes universitários tiveram oportunidade de discutir a temática da violência doméstica em algumas disciplinas dos cursos aos quais estão vinculados. Entretanto, observou-se que algumas disciplinas abordaram sobre a temática voltada para grupos específicos, como por exemplo: mulher, idoso, criança e pessoas com necessidades especiais de forma isolada.

Enfermagem em atenção à saúde da mulher, se eu não me engano, nós fizemos uma roda de discussão sobre a violência doméstica. [...] foi um tema preparado por todos, mas só que no momento de apresentar só um grupo foi sorteado e os demais participaram da discussão. (E 3, Enfermagem)

Na disciplina de saúde do idoso, a gente discutiu sobre violência doméstica contra o idoso. (E 17, Fisioterapia)

Em odontologia legal III a gente fala muito sobre isso, [...] quando a gente aprende a trabalhar com crianças e com pacientes especiais também fala sobre isso. Ensina a identificar pelo comportamento da criança e de quem está acompanhando ela, se pode estar tendo violência. (E 29, Odontologia)

Foi um tutorial, no bloco de saúde da mulher, que a gente faz metodologia ativa, no qual os alunos faz explanação oral. (E 32, Medicina)

Alguns estudantes universitários destacaram a participação em eventos, oficinas e atividades que versaram sobre a temática violência doméstica, demonstrando que as construções não se restringiram ao espaço de sala de aula.

Participei também de um evento que teve aqui na universidade. (E 3, Enfermagem)

Em saúde da mulher, a gente fez uma peça, um jornal, um monte de coisa, teve várias atividades. A gente fez também um painel e colocou aqui do lado de fora pra falar com a sociedade e mostrar os casos de violência no ano, mundialmente, e no Brasil também. (E 13, Enfermagem)

O estudo mostrou ainda que, os estudantes universitários demonstraram insatisfação em relação a pouca visibilidade direcionada durante a graduação sobre a temática da violência doméstica considerando a forma como o assunto é abordado, ou seja, de forma fragmentada não relacionando teoria e prática, refletindo assim um possível despreparo ao enfrentamento da violência quando estiverem atuando como futuros profissionais.

Não aprofunda muito. Em saúde coletiva, a gente já tocou nesse assunto, em saúde da mulher a gente abordou a violência contra a mulher, mas a violência de forma geral não. Isso era pra ter trabalhado a violência contra a criança também, porque é comum, não é tão raro de você encontrar vítimas infantis. (E 5, Enfermagem)

Sim, saúde mental. A gente já falou um pouco sobre a violência doméstica, não tão profundamente, mas meio que superficial. (E 12, Enfermagem)

Não efetivamente, mas acho que sim, acho que idoso, a gente falou sobre idosos. (E 26, Fisioterapia)

Categoria 2 - Ausência de discussões sobre a violência doméstica durante a formação profissional

Nessa categoria, os estudantes universitários destacaram que não tiveram disciplinas que abordaram sobre a temática violência doméstica e que também não participaram de nenhuma discussão sobre o assunto durante a graduação.

Não tenho nenhuma disciplina e nunca participei de nenhuma discussão. (E 7, Odontologia)

Não, em cinco anos de faculdade, nunca! (E 18, Fisioterapia)

Não é um tema tão discutido aqui [universidade], mas quando tem alguma data especial, aí lembra assim alguma coisa, mas não é algo que você vê com frequência na universidade abordando como violência de maneira geral. (E 4, Enfermagem)

Que eu me lembre, não. (E 31, Medicina)

Os estudantes assumiram que não se sentiram preparados para o enfrentamento da situação de violência doméstica, em decorrência da ausência de disciplinas e discussões durante sua formação.

Não. Acho até errado que eu não seja preparada pra isso, acho que se passasse pela situação de atender alguma pessoa violentada ia ficar sem saber se devo tentar conversar com a pessoa ou informar à polícia. (E 9, Odontologia)

Mas eles [professores] não ensinam como a gente deve proceder com isso. Só sabemos que se identificar alguma coisa devemos ser discretos, e chama-los pra conduzir a situação. (E 28, Odontologia)

Os estudantes discorreram que o conhecimento e informação que eles têm sobre a temática violência doméstica foi adquirido por meio de mensagens das mídias e redes sociais, as quais disseminam informações de forma instantânea. Entretanto, esse acesso não pode sobrepor às discussões que deveriam acontecer durante a formação profissional com articulação entre ensino-serviço sobre as formas de identificação, condução e prevenção dos casos de violência doméstica.

Eu sempre ouço falar através de revistas, jornais, televisão. (E 6, Odontologia)

A violência doméstica a gente vê todos os dias, seja na televisão, na rádio, é algo comum que já acontece há muitos anos, há muito tempo. (E 13, Enfermagem)

Hoje se fala muito disso nas mídias sociais, como o facebook, por exemplo. (E 30, Odontologia)

Isso na mídia, nas redes sociais, então é um assunto que é bem divulgado, mas nas disciplinas não discuti quase nada. (E 12, Enfermagem)

Já ouvi falar em mídias, televisão principalmente, mas aqui na universidade não. (E 31, Medicina)

4. Discussão

A abordagem sobre a violência doméstica durante a formação profissional é direcionada aos aspectos pontuais, não vislumbrando os aspectos de prevenção, identificação e enfrentamento das situações de violência doméstica de forma articulada. Entretanto, os

estudantes universitários da área de saúde referiram que em alguns momentos o conhecimento foi construído por eles e socializado por meio de discussões em sala de aula, apresentando um fator positivo na inclusão de metodologias ativas e na relação de trocas de aprendizagens entre os participantes.

É importante desenvolver atividades que permitam favorecer a autonomia dos estudantes sobre a forma de agir diante um agravo. Assim, é preciso destituir os modelos educativos tradicionais, baseados na passividade dos sujeitos e na relação de dominação do saber, para se apropriar de um modelo mais condizente com as necessidades dos usuários, que busque sobremaneira permitir a relação dialógica, o protagonismo de todos os envolvidos no processo educativo (Pereira, et al., 2015).

A falta de preparo dos profissionais e de resolutividade dos serviços de saúde também são consideradas formas de violência (Villela, at al., 2011). Deste modo fica evidenciada a necessidade da inserção de discussões sobre a violência doméstica no momento da graduação, bem como a vivência por parte desses futuros profissionais com pessoas em situação de violência para que os preparem ao atendimento com foco integral à saúde desses indivíduos.

Pesquisa realizada com estudantes de graduação em enfermagem e fisioterapia na Turquia destacou que esses participantes apresentaram baixa atitude em relação à violência doméstica, sugerindo que na formação profissional eles tivessem oportunidades de informação, orientação e prevenção de casos de violência doméstica através principalmente de seminários e conferências (Dement, 2016).

Visando integrar a questão da violência e a formação de profissionais para atuar no campo, em 2004 foi aprovada a Portaria nº 936, que dispõe sobre a estruturação da Rede Nacional de Prevenção da Violência e Promoção da Saúde, assim como a implantação de Núcleos de Prevenção à Violência em Estados e Municípios, o artigo 2º define departamentos e órgãos que irão constitui-los, dentre eles, as instituições acadêmicas (Brasil, 2004).

Mediante os depoimentos dos participantes, fica claro que apesar de ser discutido em alguns momentos durante a formação, é necessário, portanto, intensificar o conhecimento teórico e prático dos estudantes a fim de prepará-los para o enfrentamento dos casos de pessoas em situação de violência, aos quais encontrarão em seus atendimentos. Essa prática está preconizada inclusive, nas Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em enfermagem, medicina e nutrição que determina que as atividades teóricas e práticas devem estar presentes desde o início do curso, permeando toda a formação do enfermeiro, de forma integrada e interdisciplinar (Brasil, 2001), porém não só do enfermeiro, mas sim de toda a

equipe profissional de saúde, que precisa proporcionar um atendimento integral e humanizado para esse usuário do serviço.

É durante a graduação que os futuros profissionais começam a ser capacitados para identificar maus-tratos, acionar os serviços existentes, visando à proteção das pessoas em situação de violência, bem como o acolhimento dos casos diagnosticados; já que eles vão estar em posição estratégica para detectar os riscos da violência e identificar as pessoas nessa situação (Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal [SES-DF], 2009).

As falas de alguns estudantes suscitam a existência de discussões sobre a violência doméstica durante a graduação, porém estas não abrangem ou garantem o conhecimento e embasamento teórico necessário ao enfrentamento da problemática, uma vez que discussões pontuais e/ou em disciplinas específicas, não contemplam a magnitude desse agravo.

Estudo realizado em uma instituição de ensino superior evidenciou que os estudantes de graduação em enfermagem relataram falta de conhecimento não só na identificação de crianças em situação de violência, mas também sobre como poder prevenir e intervir perante o fenômeno, apontando fragilidades durante a graduação de disciplinas e conteúdos que abordem a temática, refletindo sobre a falta de competências necessárias para lidarem em situações que podem se apresentar como futuros profissionais (Machado & Vilela, 2018).

A pouca ênfase nos cursos de graduação para assuntos que não estejam inseridos no binômio saúde-doença, deixando o ensino voltado para questões técnicas e com tendência à medicalização, distanciam o profissional da responsabilidade sobre o problema e gera pouca resolutividade (Seraphim, et al., 2014).

É fato que existe um baixo desempenho dos estudantes universitários frente ao atendimento de pacientes em situação de violência doméstica, no que diz respeito à identificação das condições físicas e psicológicas das pessoas em situação de violência e falta de planejamento das ações. Entre as várias causas deste resultado aponta-se que há fragilidade dos currículos em orientações de como lidar com pessoas nessa situação, chamando a atenção que os educadores integrem habilidades de comunicação e enfrentamento ao agravo nas experiências dos futuros profissionais (Kong, et al., 2018).

Os discursos dos participantes referenciaram o pensamento dos autores acima, no qual, os estudantes não são preparados para o enfrentamento, desse modo se mantendo distantes dos casos de situação de violência e, assim, como profissionais não estarão aptos a resolver os problemas, pois, na graduação, não tiveram as vivências necessárias para sua capacitação.

A violência doméstica ainda é pouco discutida na graduação, o conhecimento adquirido pelos estudantes parte das suas vivências pessoais e/ou acadêmicas de forma isolada

e não articulada ao processo de formação profissional na perspectiva da integração ensino-serviço-comunidade (Machado, et al., 2018).

Diante disso, os profissionais de saúde que atuam na Estratégia Saúde da Família (ESF) referem insegurança e falta de qualificação para lidar com os casos de violência doméstica, apenas a existência de políticas públicas não tem sido suficiente para garantir que eles percebam o fenômeno como foco de sua prática. É frequente a queixa dos profissionais sobre o pouco conhecimento do tema, estrutura insuficiente para enfrentamento, falta de conhecimento sobre a notificação e seu fluxo, além das dificuldades de se estabelecer uma abordagem integrada e intersetorial (Lobato, et al., 2012).

O uso de novas tecnologias de informação e comunicação em saúde tem crescido nas últimas décadas, com o advento do uso de e-mail e de mídias sociais, que dinamizam o fluxo de dados e informações para a tomada de decisão de gerentes e gestores, assim como contribuem para a questão da produção do conhecimento em redes e ampliação dos canais de comunicação para acesso aos serviços de saúde (Norman & Tesser, 2015; Atherton, 2013).

Entende-se que no contexto da formação profissional em saúde o acesso às informações sobre violência doméstica por meio das novas tecnologias de informação e comunicação em saúde é importante, de modo que possa subsidiar e fomentar novas discussões que culminem na construção de conhecimento teórico-prático para a apropriação de práticas de cuidado integral às pessoas em situação de violência doméstica.

Um levantamento feito em 2014, pela Secretaria de Comunicação Social do Brasil, mostrou que praticamente metade dos brasileiros, 48%, usava internet. O hábito de uso da internet também é intenso, uma vez que os usuários das novas mídias ficam conectados, em média, quatro horas e cinquenta e nove minutos por dia durante a semana e quatro horas e vinte e quatro minutos nos fins de semana. Entre os usuários com ensino superior, 72% acessam a internet todos os dias, com uma intensidade média diária de cinco horas e quarenta e um minutos, de segunda à sexta-feira. Entre os internautas, 92% estão conectados por meio de redes sociais, sendo as mais utilizadas o *Facebook* (83%), o *Whatsapp* (58%) e o *YouTube* (17%) (Brasil, 2014).

Os meios de comunicações que utilizam a tecnologia como plataforma de divulgação de informações têm aumentado consideravelmente, conquistando um espaço na vida dos cidadãos, devido a facilidade de ter a mão aparelhos portáteis que otimizam e facilitam o acesso às notícias apontando como essencial na construção de atitudes (Pessoni & Akerman, 2015).

5. Considerações Finais

A partir do estudo pode-se concluir que a violência doméstica tem sido pouca discutida durante a graduação dos cursos da área da saúde, restrita a algumas disciplinas específicas, seja por atividades, seminários e até mesmo pelas mídias e/ou redes sociais. Entretanto, esse conteúdo não é abordado de forma transversal para que todos os estudantes entendam a complexidade da violência doméstica e saibam como direcionar o enfrentamento frente às diversas situações que podem surgir no contexto profissional.

Assim, foi notório que o conhecimento disseminado na universidade está pautado ao campo teórico, permitindo assim existir uma lacuna separando a atuação teórica da prática, desse modo, deixando no estudante a sensação de incapacidade para o enfrentamento de situações de violência, uma vez que durante a graduação não tiveram experiências práticas que os habilitassem com competências para lidar com a problemática.

Urge a necessidade de implementar nos currículos da área de saúde a temática de forma transversal, por meio de atividades teórico-práticas que desenvolvam competências e habilidades que possam subsidiar os futuros profissionais da atuação frente às pessoas em situação de violência, visto que cabe ao profissional a capacidade de resolutividade de problemas, bem como a responsabilidade pela saúde e integridade humana.

Entretanto, esta pesquisa apresenta como limitação o fato de ter sido desenvolvida em uma única universidade pública e somente com os estudantes da área de saúde. Assim, refletiu-se sobre a necessidade de outros trabalhos, objetivando identificar como a temática vem sendo discutida em distintas instituições de natureza federal e privada e também o conhecimento de docentes universitários de modo a possibilitar o aprimoramento das práticas pedagógicas dos cursos da área de saúde.

* Os pesquisadores afirmam que não há conflitos de interesse.

Agradecimentos

Agradecemos à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia pelo apoio no desenvolvimento da pesquisa e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pela concessão da Bolsa de Iniciação Científica (2016-2017).

Referências

- Amarijo, C. L., et al. (2018). Assimilação teórica e prática da violência doméstica: profissionais de enfermagem atendendo vítimas na atenção primária. *Rev. enferm. UERJ*; 26: e33874, jan.-dez. doi: 10.12957/reuerj.2018.33874.
- Atherton, H. (2013). Use of email for consulting with patients in general practice. *Br J Gen Pract.*, 63,(608), 11811-19. doi: 10.3399/bjgp13X664072.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Brasil (2001). Ministério de Educação. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Graduação em Enfermagem, Medicina e Nutrição*. Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1E, p.13.
- Brasil (2002). Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. *Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil (2004). Ministério da Saúde. Gabinete do Ministério. Portaria nº 936, de 18 de maio de 2004. *Dispõe sobre a estruturação da Rede Nacional de Prevenção da Violência e Promoção da Saúde e a Implantação e Implementação de Núcleos de Prevenção à Violência em Estados e Municípios*. Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, p.52.
- Brasil (2015). Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secretaria de Comunicação Social.
- Rocha, B. D., et al. (2015). Violence against women: perceptions of nursing students' about the focus on the formation. *Investeduc Enferm*, 33, (4). doi: 10.17533/udea.iee.v33n2a08.
- Dement, A. (2016). Attitudes of University Students Towards Domestic Violence Against Women. *Clin Invest Med.*, 39, (6). doi: 10.25011/cim.v39i6.27523.

Distrito Federal (2009). Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal (SES-DF). *Manual para Atendimento às Vítimas de Violência na Rede de Saúde Pública do Distrito Federal*. Brasília: Secretaria de Saúde do Distrito Federal.

Kong, H-H., et al. (2018). Medical students' clinical performance of dealing with patients in the context of domestic violence. *Korean J Med Educ.*, 30, (1), 31-40. doi: 10.3946/kjme.2018.79.

Lobato, G. R., et al. (2012). Desafios da atenção à violência doméstica contra crianças e adolescentes no Programa Saúde da Família em cidade de médio porte do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, 28, (9), 1749-58. doi: 10.1590/S0102-311X2012000900013.

Machado, J. C. & Vilela, A.B.A. (2018). Conhecimento de estudantes de enfermagem na identificação de crianças em situação de violência doméstica. *Rev Enferm UFPE online*, 12, (1), 83-90. doi: 10.5205/1981-8963-v12i01a23285p83-90-2018

Machado, J. C., et al. (2018). Violência doméstica contra a criança sob a ótica de estudantes de graduação em enfermagem. *Rev Enferm UFSM*, v.8, n.1, p.157-71. doi: /10.5902/2179769228099.

Norman, A. H. & Tesser, C.D.(2015). Acesso ao cuidado na Estratégia Saúde da Família: equilíbrio entre demanda espontânea e prevenção/promoção da saúde. *Saude Soc.* 24, (1), 165-179. doi: 10.1590/S0104-12902015000100013

Pereira, F. G. F., et al.(2015). Práticas educativas em saúde na formação de acadêmicos de enfermagem. *Cogitare Enferm.* 20, (2), 332-7. Doi: 10.5380/ce.v20i2.39767.

Pereira, A.S. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Acesso em: 30 Abril 2020. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1.

Pessoni, A. & Akerman, M. (2015). Percepções de docentes e discentes sobre o uso educativo de mídias sociais. *ABCS Health Sci.*, 40, (3), 178-83. doi: 10.7322/abcshs.v40i3.792.

Santos, W. J., et al. (2018). Violência Doméstica Contra a Mulher Perpetrada por Parceiro Íntimo: Representações Sociais de Profissionais da Atenção Primária à Saúde. *Rev Fund Care Online*. 10, (3), 770-777. doi: 10.9789/2175-5361.2018.v10i3.770-777

Seraphim, A. P. C., et al. (2014). O distanciamento entre a formação e a prática profissional. *Revista Odontológica de Araçatuba*, 35, (1), 14-17.

Soares, J. S. F. & Lopes, M. J. M. (2018). Experiências de mulheres em situação de violência em busca de atenção no setor saúde e na rede intersetorial. *Rev. Interface (Botucatu)*, 22, (66). doi: 10.1590/1807-57622016.0835

Villela, W. V., et al. (2011). Ambiguidades e contradições no atendimento de mulheres que sofrem violência. *Rev. Saude Soc.*, v.20, n.1, p.113-23. doi: 10.1590/S0104-12902011000100014

World Health Organization (2014). *Global status report on violence prevention 2014*. Geneva: World Health Organization.

World Health Organization (2013). *Responding to Intimate Partner Violence and Sexual Violence Against Women*. Clinical and Policy Guideline. Geneva (CH): WHO.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Juliana Costa Machado – 20%

Luana Ramos da Silva – 20%

Aline Vieira Simões – 15%

Vilara Maria Mesquita Mendes Pires – 15%

Vanda Palmarella Rodrigues – 15%

Alba Benemérita Alves Vilela – 15%